

Comportamento Semanal de Mercado

14 a 21 de junho



Longo e árduo

Diante da deterioração do balanço de riscos para a dinâmica inflacionária, o Comitê de Política Monetária (Copom) interrompeu o processo de flexibilização monetária, decidindo de forma unânime manter a Meta Selic em 10,50% a.a.. Assinalando que a Selic deverá se manter em patamar elevado por tempo suficiente para que a inflação e suas expectativas voltem para perto da meta e procurando recuperar a credibilidade em sua comunicação, o Copom voltou a apresentar o cenário alternativo, no qual a taxa se mantém constante ao longo do horizonte relevante. Dessa forma, a sua projeção situou-se em 3,1% para 2025, nível próximo à meta. Assim, de momento descartou-se eventuais elevações. Ademais, o Boletim Focus sinalizou para apenas março de 2025 a retomada da queda na taxa básica de juros.

Apesar da ampla aceitação da decisão pelo mercado, o processo de ancoragem das expectativas deverá ser longo, árduo e dependente de uma evolução favorável de muitas variáveis. Na semana que se passou, a mediana das estimativas para o IPCA de 2025 passou de 3,80% para 3,85%. No mercado futuro de juros, a taxa de juros *ex-ante* manteve-se em 7,03% a.a., patamar significativamente contracionista quando comparado com os 4,5% considerados como neutro pelo Banco Central (BC).

O cenário internacional poderia contribuir no caso de um afrouxamento monetário pelo Federal Reserve (Fed). Entretanto, os recentes dados divulgados não asseguraram a perda de ímpeto da economia e a diminuição das pressões inflacionárias nos EUA, condições necessárias para o início desse processo. Na semana, recrudesceram as apostas em torno de uma postura conservadora da autoridade monetária, com a chance de um corte de -0,25 p.p. em setembro recuando de 62,0% em 14/06 para 59,5% em 21/06.

Reforçando a leitura de perda de tração da atividade doméstica, o Monitor do PIB da FGV recuou em -0,1% em abril. As contas externas continuaram apresentando uma trajetória confortável, com o Investimento Direto no país (IDP) superando o déficit em conta corrente. No acumulado em 12 meses, as transações correntes apresentaram um saldo negativo de US\$ -40,15 bilhões (1,79% do PIB), ante US\$ -45,28 bilhões em mai/23 (2,24% do PIB), enquanto o IDP somou US\$ 66,00 bilhões (2,95% do PIB), ante US\$ 68,32 bilhões em mai/23 (3,38% do PIB).

Na semana que se adentra, as atenções se concentram no detalhamento do cenário do BC para a inflação e atividade na ata do Copom e no Relatório Trimestral de Inflação. Principalmente no que tange a alguns parâmetros como a taxa de juros neutra, hiato do produto, crescimento do produto potencial e às projeções para expansão da economia. Apesar da elevação nos prêmios de risco, as estimativas das contas fiscais no Boletim Focus não apresentaram alterações relevantes. Na divulgação das estatísticas das contas públicas pelo BC referentes a maio, o quadro não deverá ser muito diferente. Importantes fatores para o balanço de risco da inflação, ocorrerá a divulgação do IPCA-15 de junho, as estatísticas fiscais e os dados de emprego para maio (Caged e Pnad). No exterior, o foco recai no deflator de gastos com consumo (PCE) dos EUA, além da renda e gastos pessoais, leitura final do PIB no 1T24, confiança do consumidor e dados do setor imobiliário.

Expectativas

Com o Copom divulgando a projeção de inflação próxima à meta no cenário alternativo que contempla a manutenção da Selic em 10,50% a.a. no horizonte de tempo relevante, o Boletim Focus passou a apontar uma queda na taxa básica de juros apenas em março de 2025. Assim, a mediana das projeções para a Selic manteve-se em 10,50% a.a. ao fim de 2024 (10,00% a.a. há 4 semanas). Em 2025, o indicador encerraria em 9,50% a.a. (9,00% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as projeções prosseguiram em 9,00% a.a..

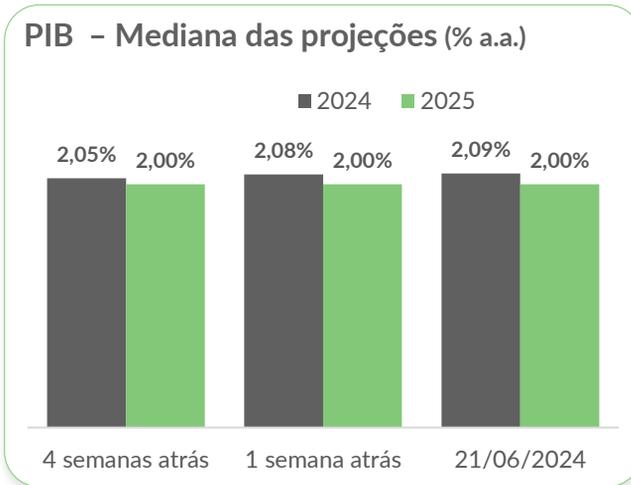
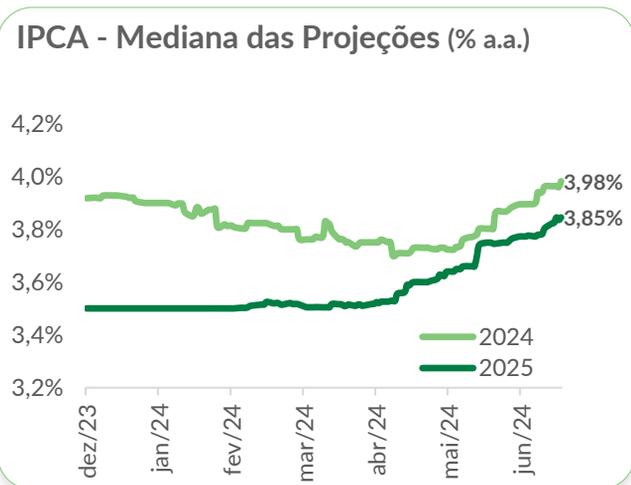
O conteúdo do comunicado da reunião ainda não teve impacto no processo de desancoragem das expectativas. No curto prazo, a estimativa de inflação para junho subiu de 0,31% para 0,32%, para julho de 0,14% para 0,15% e para agosto manteve-se em 0,10%. A mediana das projeções para o IPCA de 2024 passou de 3,96% para 3,98% (3,86% há 4 semanas). No período focal para a política monetária, a estimativa do IPCA para 2025 subiu de 3,80% para 3,85% (3,75% há 4 semanas). Para 2026, a expectativa continuou em 3,60% (3,58% há 4 semanas), enquanto para 2027 acomodou-se em 3,50% por 51 edições consecutivas.

Construída com base nas negociações das NTN-Bs, a curva da inflação implícita mostrou na semana aumento nos prêmios de risco. Entre os dias 14 e 21 de junho, a taxa para o prazo de 1 ano variou de 4,16% para 4,29%, a de 2 anos de 4,64% para 4,76% e a de 3 anos de 4,91% para 5,04%.

Com uma ligeira alta de 0,01 p.p., a projeção para o crescimento do PIB nesse ano ficou em 2,09% (2,05% há 4 semanas). Já as estimativas para 2025, 2026 e 2027 permaneceram acomodadas em 2,00%.

Com a volatilidade recente nos mercados à vista e futuro, o cenário esperado para a taxa de câmbio deteriorou-se, com a cotação passando de R\$/US\$ 5,13 para R\$/US\$ 5,15 ao fim de 2024, de R\$/US\$ 5,10 para R\$/US\$ 5,15 para 2025, de R\$/US\$ 5,12 para R\$/US\$ 5,15 para 2026 e de R\$/US\$ 5,15 para R\$/US\$ 5,18 para 2027.

Finalizando, mesmo com os ruídos, as projeções fiscais pouco se alteraram. A mediana para o déficit primário de 2024 diminuiu de -0,71% para -0,70% do PIB (-0,70% há 4 semanas), prosseguindo em -0,60% do PIB para 2025 (-0,63% há 4 semanas) e em -0,50% do PIB para 2026 (-0,50% há 4 semanas). Para 2027, a estimativa variou de -0,50% para -0,45% do PIB (-0,35% há 4 semanas).



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Economia Internacional

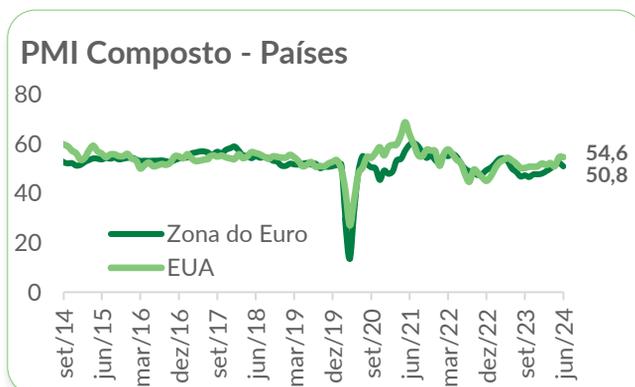
No início da semana, alguns indicadores mostraram um quadro de arrefecimento da atividade nos EUA. Em maio, as vendas no varejo cresceram apenas 0,1% na margem, frustrando as expectativas de um avanço de 0,3% apontado pela FactSet. Ademais, o resultado de abr/24 foi revisado de estabilidade para uma queda de -0,2%.

Com as taxas de hipoteca permanecendo próximas a 7%, as construções de novas casas continuaram a cair nos EUA, de 1,352 milhão em abr/24 para 1,277 milhão em maio, sinalizando a continuidade do processo de desaceleração no setor imobiliário. Ainda em maio, as licenças para construção cederam para 1,386 milhão, enquanto as vendas de moradias usadas retraíram-se em -0,7%. A medida dos preços pagos pelos insumos, observado pela S&P Global, caiu de 57,2 em maio para 56,6, enquanto o indicador de preços de produtos cedeu ao menor nível em 5 meses, de 54,3 em maio para 53,5.

Contudo, com o suporte do setor de serviços e de manufatura, a atividade empresarial dos EUA atingiu o seu nível máximo em 26 meses. Divulgado na sexta-feira, o índice de gerentes de compras (PMI) composto, medido pela S&P Global, avançou de 54,5 em mai/24 para 54,6 na preliminar de junho, superando a expectativa de 53,4 da FactSet. No mesmo sentido, a produção industrial cresceu 0,9% em maio, superando o consenso da London Stock Exchange Group (LSEG) de uma alta de 0,3%. O conjunto desses números sugere uma economia ainda sólida no 2T24. A perda de ímpeto da economia e a diminuição das pressões inflacionárias são fatores necessários para que o Fed possa ter condições para iniciar o processo de flexibilização monetária.

Em linha com as expectativas, a inflação ao consumidor (CPI) da Zona do Euro desacelerou de 0,6% em abr/24 para 0,2% em maio. Porém, a taxa anualizada saiu de 2,4% a.a. para 2,6% a.a., impulsionada principalmente pelo aumento dos preços de energia e serviços. O núcleo do CPI, que desconsidera as variações de energia, alimentos, bebidas e tabaco, mostrou variação mensal de 0,4% em maio, desacelerando ante a alta de 0,7% em abr/24. Na comparação anual, no entanto, o núcleo do CPI acelerou de 2,7% a.a. em abr/24 para 2,9% a.a..

Com a redução dos juros básicos pelo Banco Central Europeu (BCE), houve sinais de enfraquecimento no setor de serviços e a piora na atividade industrial em junho. O movimento ocorreu a despeito das expectativas de novas reduções nas taxas de juros em 2024. O PMI composto caiu de 52,2 em mai/24 para 50,8, o menor nível em 3 meses. Já o índice de confiança do consumidor subiu de -14,3 pts. para -14,0 pts. em junho. O indicador ZEW, que mede o sentimento econômico, subiu 4,3 pts. em junho, para 51,3 pts.. Com a 5ª alta consecutiva, o indicador alcançou o nível mais alto desde jul/21 e superou os 47,8 esperados pelo mercado. Diante de preocupações com a inflação, o Banco da Inglaterra (BoE) manteve os juros inalterados em 5,25% a.a.. No mesmo sentido, a autoridade monetária da Noruega manteve a taxa em 4,5% a.a., sinalizando a sua permanência até o fim do ano. Avaliando que as pressões inflacionárias seguem diminuindo, o Banco Central da Suíça (SNB) reduziu, pela 2ª vez consecutiva, a taxa em -0,25 p.p., a 1,25% a.a.. Por fim, o Banco do Povo da China manteve as principais taxas de juros do país. A de referência para empréstimos de 1 ano (LPR) permaneceu em 3,45%, enquanto a taxa para empréstimos de 5 anos continuou em 3,95%.



Fonte: Census Bureau | Bloomberg . Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Apesar da moderação nas mensagens de vários dirigentes do Fed, os últimos dados de atividade divulgados na semana não ratificaram plenamente a percepção de que a economia dos EUA esteja perdendo ímpeto. Como consequência, houve no período um ligeiro recrudescimento nas apostas de uma postura conservadora da autoridade monetária.

De acordo com a ferramenta FedWatch do CME Group, a chance de um corte de -0,25 p.p. em setembro recuou de 62,0% em 14/06 para 59,5% em 21/06. Já a probabilidade de 2 cortes de -0,25 p.p. esse ano, que levaria os *Fed Funds* para a faixa de 4,75% a.a. a 5,00% a.a., diminuiu de 45,0% para 44,6% no período.

Paralelamente, houve na semana uma pequena alta na rentabilidade dos *Treasuries*: o de 2 anos subiu de 4,67% a.a. para 4,70% a.a.; o de 5 anos de 4,22% a.a. para 4,26% a.a.; o de 10 anos de 4,20% a.a. para 4,25% a.a.; e o *T-Bond* de 30 anos de 4,34% para 4,39%.

Impactados pelas ações do setor de tecnologia e pelo vencimento conjunto de contratos de derivativos atrelados a ações, opções de índices e futuros, o Dow Jones subiu 1,45% na semana e o S&P em 0,61%, enquanto o Nasdaq permaneceu estável. Apesar do enfraquecimento da atividade econômica, revelada pelo PMI, as bolsas europeias encerram com ganhos de 1,12% no FTSE 100 e de 0,90% no DAX 40. Por sua vez, o índice Xangai recuou -1,14% e o Nikkei 225 caiu -0,56%.

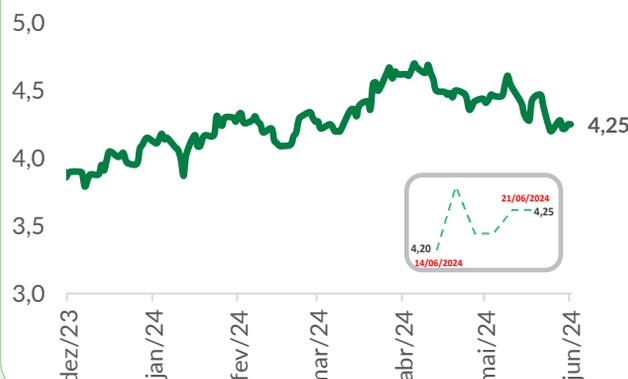
No mercado de *commodities*, o preço do minério de ferro negociado em Qingdao recuou -1,20%, refletindo os rumores de restrição à produção de aço na China e o pessimismo com a economia chinesa. Já a saca de soja na bolsa de Chicago terminou com queda de -1,63%. Os sinais de mercado mais apertado e a cautela com o quadro geopolítico apoiaram os ganhos do petróleo na semana, com o barril tipo Brent terminando em US\$ 85,24, alta de 3,17%. Em junho, a *commodity* acumula ganhos de 4,44%.

No âmbito doméstico, o Ibovespa exibiu uma alta de 1,40% entre 14 e 21/06, após 4 semanas sucessivas em queda. No acumulado do mês, o Ibovespa apresentou uma redução de -0,62%. Ainda, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, aumentou 7,39 bps. na semana, para 165,57 bps., elevando-se 22,75 bps. no mês.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	21/06/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	121.341	1,40%	-4,76%	2,02%
Nasdaq	17.689	0,00%	5,09%	29,78%
S&P	5.465	0,61%	2,69%	24,71%
Dow Jones	39.150	1,45%	-1,81%	15,33%
FTSE 100	8.238	1,12%	-2,12%	9,81%
DAX 40	18.164	0,90%	-3,01%	13,61%
Nikkei 225	38.596	-0,56%	-0,90%	16,03%
Xangai	2.998	-1,14%	-5,06%	-6,25%

T-Note de 10 anos Rendimento em % a.a.



Fonte: BCB Focus | Anbima. Elaboração ABBC

Copom – Jun/24

Diante da deterioração do balanço de riscos para a dinâmica inflacionária e de um cenário prospectivo mais complicado, que conjuga fatores como uma maior desancoragem das expectativas, forte depreciação cambial, aumento das preocupações com a trajetória das contas públicas e da adversidade no ambiente externo com as frequentes reprecificações do início da queda da taxa básica de juros nos EUA, o Copom interrompeu o processo de flexibilização monetária e manteve de forma unânime a Meta Selic em 10,50% a.a..

Entendendo a estratégia como compatível para a convergência da inflação no horizonte relevante, que inclui o ano de 2025, o Copom salientou que eventuais ajustes futuros na taxa de juros serão ditados pelo firme compromisso com a meta. Com os indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho apresentando um dinamismo maior do que o esperado, avaliou que a política monetária deverá se manter contracionista por tempo suficiente em patamar que consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas.

Com a inflação corrente apresentando trajetória de queda e as medidas subjacentes situando-se acima da meta nas divulgações mais recentes, as expectativas de inflação para 2024 e 2025 apuradas pela pesquisa Focus encontravam-se em torno de 4,0% e 3,8%, respectivamente.

Em relação à última reunião, as projeções de inflação do Copom ampliaram-se para 2024 de 3,8% para 4,0% e para 2025 de 3,3% para 3,4%. Procurando recuperar a credibilidade em sua comunicação, o Copom voltou a apresentar o cenário alternativo, no qual a taxa Selic se mantém constante ao longo do horizonte relevante. Nessa abordagem, as projeções do Copom situavam-se em 4,0% para 2024 e 3,1% para 2025.

Para o Copom, o balanço de riscos manteve-se simétrico. Com fatores de risco em ambas as direções. Entre os de alta, destacam-se: (i) a persistência das pressões inflacionárias globais; e (ii) uma maior resiliência na inflação de serviços em função de um hiato do produto mais apertado. Dentre os riscos de baixa: (i) a desaceleração da atividade econômica global mais acentuada do que a projetada; e (ii) os impactos do aperto monetário sincronizado sobre a desinflação global se mostrarem mais fortes do que o esperado. Ademais, o Copom assinalou a sua preocupação com os desenvolvimentos recentes da política fiscal e seus impactos sobre a política monetária e os ativos financeiros.

Desta forma, frente a uma conjuntura incerta e volátil e um contexto doméstico marcado pela resiliência na atividade, elevação das projeções de inflação e expectativas desancoradas, é provável que a política monetária se mantenha em terreno restritivo por um período prolongado, até que as expectativas se aproximem da meta. Assim, qualquer retomada da flexibilização dependerá dessa convergência.

Cenário de Referência*

	2024			2025		
	mai/24	Var	jun/24	mai/24	Var	jun/24
Câmbio	R\$ 5,15	↑	R\$ 5,30	R\$ 5,15	↑	R\$ 5,30
Selic (% a.a.)	9,63%	↑	10,50%	9,00%	↑	9,50%
Preços Administrados	4,80%	↓	4,40%	4,00%	≡	4,00%
IPCA	3,80%	↑	4,00%	3,30%	↑	3,40%

* O cenário considera a cotação média da taxa de câmbio USD/BRL observada nos 10 dias úteis encerrados no último dia da semana anterior à da reunião do Copom e depois evoluindo pela paridade do poder de compra (PPC), o preço do petróleo seguindo aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses e aumentando 2,0% a.a. posteriormente e a hipótese de bandeira tarifária verde em dez/24 e dez/25.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

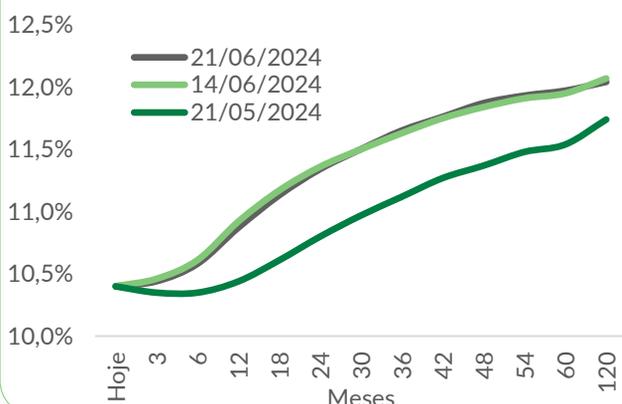
Em semana de decisão Copom, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTTJ) adequou-se à mensagem do Comunicado do BC que procurou fortalecer a credibilidade na política monetária. Assim, houve variações discretas nos prêmios, com redução nos vértices de prazos mais curtos, em linha com a manutenção de forma unânime da Selic em 10,50% a.a.. Entretanto, com a perspectiva de que taxa fique neste nível por um período considerável, os vértices intermediários mostraram alguma elevação nos prêmios.

Ante o encerramento da semana anterior, a taxa de 3 meses recuou de 10,46% a.a. para 10,44%, a de 6 meses de 10,61% para 10,58%, a de 1 ano de 10,92% para 10,87% e a de 2 anos de 11,36% para 11,34%. Por sua vez, a taxa para prazo de 3 anos aumentou de 11,63% a.a. para 11,65%, a de 4 anos de 11,84% para 11,87% a.a. e a de 5 anos de 11,95% a.a. para 11,97%. Já a taxa para 10 anos cedeu de 12,07% a.a. para 12,04% a.a..

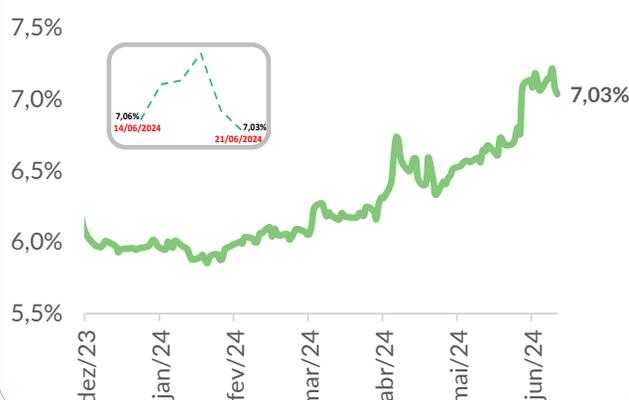
Com a redução de -0,03 p.p. para 3,58% na inflação esperada para os próximos 12 meses e a queda de -0,05 p.p. no *swap* DI de 360 dias, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,03%, com retração de -0,02 p.p. na semana, preservando-se em patamar significativamente contracionista quando comparado com os 4,5% considerado pelo BC como neutro.

Por fim, a medida de inclinação da curva de juros calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,02 p.p. na semana para 1,17 p.p.. Por sua vez, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de título públicos na Anbima, caiu -0,04 p.p. no período para 1,22 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

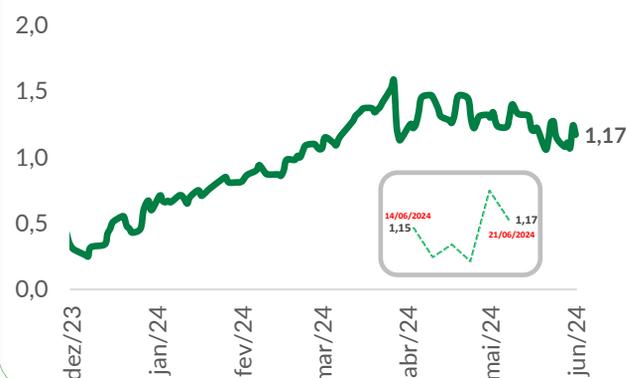


Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Com volatilidade e em consonância com o ligeiro aumento dos retornos dos *treasuries*, o dólar ganhou força na semana. Calculado com base em uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, o *Dollar Index* avançou 0,23%, contemplando as depreciações de -0,09% no euro, de -0,33% na libra esterlina e de -1,52% no iene. Esse movimento foi favorecido pelas atuações do BoE e do SNB, além das preocupações com as eleições parlamentares na Europa e as incertezas com a França. Já o iene foi prejudicado com o avanço da inflação e o enfraquecimento econômico no Japão.

Por sua vez, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar exibiu uma alta de 0,23%. No período, destaques para as apreciações de 2,27% no rand sul-africano, de 1,89% no peso mexicano, de 0,62% no rublo russo, além das depreciações de 0,29% no peso argentino e de 0,18% no peso colombiano.

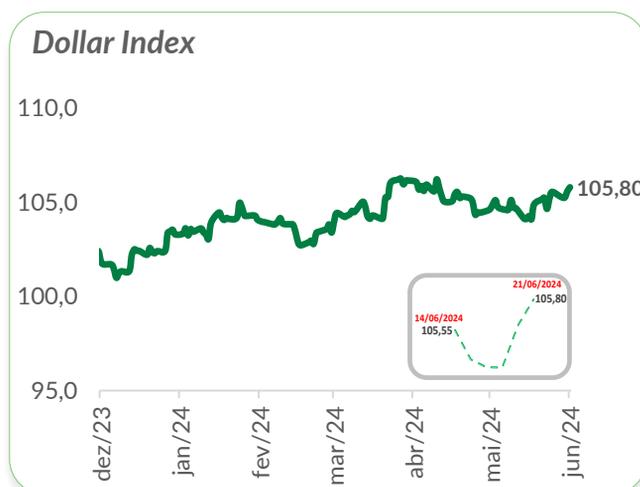
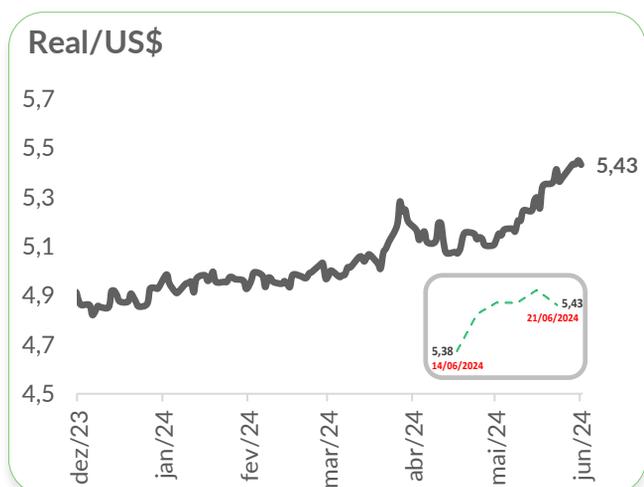
Com um pior desempenho do que o índice de emergentes, o real depreciou-se em 1,03% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,43. Apesar da forte perda de valor, o BC manteve sua atuação na semana somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2024.

Entre os dias 10 e 14 de junho, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 1,04 bilhão, decorrente da entrada líquida de US\$ 1,29 bilhão na conta comercial e da saída líquida de US\$ -250 milhões na financeira. Em junho, o fluxo cambial está positivo em US\$ 6,34 bilhões.

No mês de maio, segundo dados divulgados pelo BC, o fluxo cambial apresentou um déficit de US\$ -713 milhões, ante superávit de US\$ 1,78 bilhão em abr/24. Esse resultado foi composto por um saldo positivo de US\$ 6,10 bilhões no fluxo comercial e por um déficit de US\$ -6,81 bilhões no fluxo financeiro.

No acumulado do ano até maio, o fluxo cambial totalizou US\$ 5,83 bilhões, configurando uma queda de -52,0% em comparação ao mesmo período de 2023. Esse saldo é referente a US\$ 33,72 bilhões no fluxo comercial (+33,7% a.a.) e US\$ -27,89 bilhões no fluxo financeiro (+113,6% a.a.).

Considerando-se o acumulado em 12 meses, o saldo comercial ficou em US\$ 57,58 bilhões em maio (+41,6% a.a.) e o saldo financeiro em US\$ -52,41 bilhões (+59,3% a.a.). Com isso, o fluxo cambial acumulado em 12 meses foi de US\$ 5,17 bilhões (-33,4% a.a.). Por fim, a posição vendida dos bancos no mercado à vista aumentou de US\$ 9,02 bilhões em abr/24 US\$ 9,74 bilhões (US\$ 13,35 bilhões em mai/23).



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Transações Correntes – Mai/24

Em meio à volatilidade cambial, as contas externas registraram um déficit em conta corrente de US\$ -3,40 bilhões em maio, abaixo dos US\$ -3,50 bilhões apontado por levantamento da Reuters, ainda que acima dos US\$ -2,87 bilhões verificados em abr/24 (US\$ +1,09 bilhão em mai/23). O resultado foi decorrente de US\$ 38,73 bilhões em receitas e US\$ 42,13 bilhões em despesas.

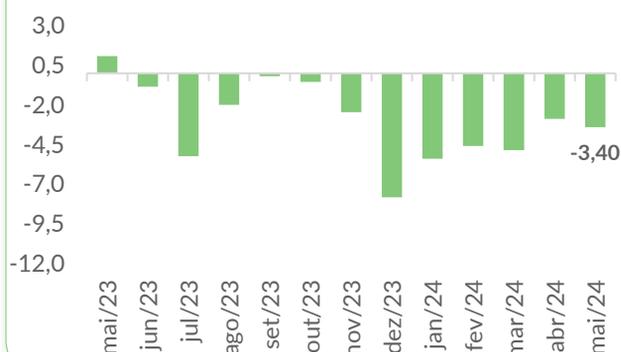
Entre abril e maio, o saldo positivo da balança comercial recuou de US\$ 6,45 bilhões para US\$ 6,36 bilhões, enquanto o déficit da balança de serviços se intensificou de US\$ -3,99 bilhões para US\$ -4,48 bilhões. Já a conta de renda primeira reduziu seu déficit, passando de US\$ -5,48 bilhões em abril para US\$ -5,23 bilhões em maio. Ao comparar com o mai/23, houve uma redução de US\$ -2,99 bilhões no saldo da conta comercial, enquanto os déficits da conta de serviço e renda primária avançaram US\$ 1,25 bilhão e US\$ 168 milhões, respectivamente.

Considerando-se o valor acumulado em 12 meses, as transações correntes apresentaram um déficit de US\$ 40,15 bilhões, correspondendo a 1,79% do PIB, contra US\$ -35,65 bilhões em abr/24 (1,60% do PIB) e US\$ 45,28 bilhões em mai/23 (2,24% do PIB).

Por fim, o IDP totalizou US\$ 3,02 bilhões em maio, após ficar em US\$ 3,87 bilhões em abr/24 (US\$ 4,35 bilhões em mai/23). No acumulado em 12 meses, o IDP somou US\$ 66,00 bilhões no mês, equivalente a 2,95% do PIB, US\$ 67,34 bilhões em abril (3,02% do PIB) e US\$ 68,32 bilhões em mai/23 (3,38% do PIB).

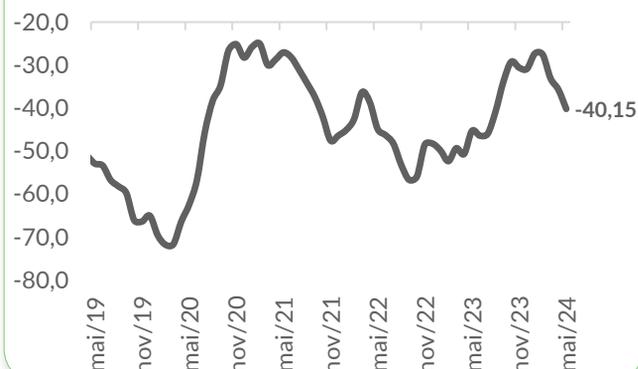
Saldo Mensal

Transações Correntes – em US\$ bilhões



Saldo em Transações Correntes

Acumulado em 12 meses – em US\$ bilhões



Saldo em IDP

Investimento direto no país – em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Monitor do PIB – Abr/24

Em abril, o Monitor do PIB da FGV apontou uma queda de -0,1% na atividade econômica, na série livre de influências sazonais. Após o bom desempenho no início de 2024, o resultado mensal representou uma moderação no ritmo de expansão, ainda que em patamar superior ao mesmo período de 2023. No comparativo com abr/23, houve uma expansão expressiva da atividade de 5,1%, disseminada em vários componentes, tais como investimentos, indústria, consumo, exportações e importações. A alta no trimestre móvel findo em abril foi de 2,8% e o crescimento acumulado em 12 meses ficou em 2,7%.

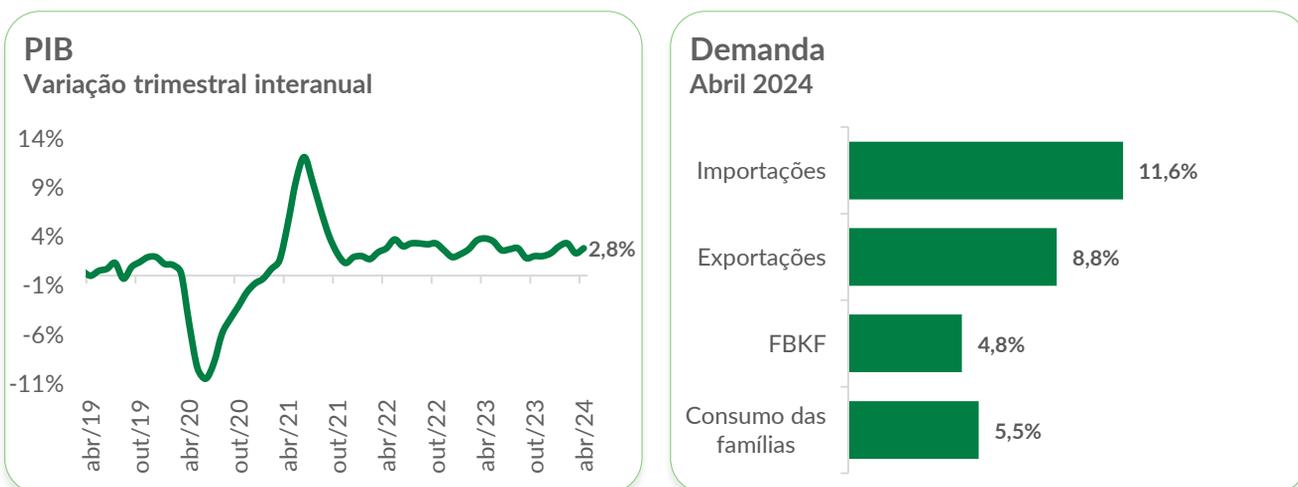
Na série trimestral interanual, a análise desagregada dos componentes da demanda, mostra uma alta de 5,5% no consumo das famílias. Tal comportamento foi influenciado, principalmente, pelo consumo de serviços e de produtos não duráveis, com ambos crescendo 4,9% no trimestre móvel findo em abril, ainda que todos os demais componentes tenham contribuído positivamente. Desde o início de 2024, os produtos não duráveis mostram uma maior contribuição, quando comparada ao ano passado, enquanto os produtos semiduráveis passam a apresentar taxas positivas, após contribuição negativa em 2023.

Na mesma base comparativa, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) teve um acréscimo de 4,8% em abril. Todos os seus componentes apresentaram contribuição positiva no mês, com destaque para a categoria Outros, com alta de 7,2%, máquinas e equipamentos de 5,5% e construção de 3,5%.

Influenciados pelo expressivo crescimento das exportações em produtos da extrativa e de bens de consumo, os embarques aumentaram 8,8% no trimestre móvel findo em abril. O único componente que contribuiu de forma negativa para esse resultado foi a exportação de bens de capital. Por fim, as importações subiram 11,6% no período, alavancadas pela expansão de serviços e bens intermediários.



Fonte: FGV. Elaboração ABBC



Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,7
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-38,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,20
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,7
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688